

Chico Bento no ensino da variação linguística

Chico Bento in linguistic variation's teaching

Bianca Amaral da Cunha

Mestre em Letras, UFMG. bianca.cunha@hotmail.com

Antônio Augusto Moreira de Faria

Pós-doutor em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas UFMG. aamf@ufmg.br

RESUMO

Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado da UFMG e analisa uma experiência escolar com quadrinhos do Chico Bento, personagem de Maurício de Sousa, evidenciando a variação linguística. A proposta, realizada em uma escola pública de Cláudio-MG, visou levar os alunos a reconhecerem a língua como meio de construção de identidade e a refletirem sobre o fenômeno da variação, direcionando-os ao respeito diante das variedades não padrão da língua. Para tanto, partiu-se de orientações oficiais para o ensino de Português (BNCC, 2017), de estudos sociolinguísticos (BORTONI-RICARDO, 2011; RANGEL, 2010), e do uso pedagógico dos quadrinhos (RAMOS, 2009; 2016). À luz de tais teorias, atividades didáticas para leitura e compreensão de histórias em quadrinhos, principalmente do personagem Chico Bento, foram elaboradas e posteriormente usadas nas aulas de Língua Portuguesa no 6º ano do ensino fundamental. Os resultados ressaltam as contribuições dessa proposta para o ensino de língua materna e reafirmam a necessidade da formação sociolinguística na escola.

Palavras-chave: Variação linguística; Ensino; Quadrinhos; Chico Bento.

Abstract: This paper is part of a master's research from UFMG and analyzes a school experience with Chico Bento's comics, Maurício de Sousa's character, showing the linguistic variation. The proposal, carried out in a public school in Cláudio-MG, aimed to lead the students to recognize the language as a way of identity construction and to reflect on the phenomenon of variation, directing them to respect the non-standard varieties of the language. In order to do so, this work was based on official guidelines for teaching Portuguese (BNCC, 2017), sociolinguistic studies (BORTONI-RICARDO, 2011, RANGEL, 2010) and pedagogical use of comics (RAMOS, 2009, 2016). In the light of such theories, didactic activities for reading and understanding comic books, especially of the character Chico Bento, were developed and used during Portuguese language classes in the 6th year of elementary school. The results shows the contributions of this proposal to the teaching of first language and reaffirm the need for sociolinguistic formation in the school.

Keywords: Linguistic variation; Teaching; Comics; Chico Bento.

1 Introdução

A variação linguística, embora reconhecida por professores e linguistas como um objeto de estudo das aulas de Língua Portuguesa, ainda enfrenta resistência na educação escolar, especialmente no ensino fundamental. Tal controvérsia surge sob o pretexto de que, ao se tratar desse fenômeno na escola, a alfabetização e o letramento poderiam ser comprometidos. Isto é, a escola prestaria um desserviço à sociedade, pois ao invés de ensinar a “norma padrão” da língua - considerada forma prestigiada que permite acesso à literatura e aos concursos, a língua “correta” - estaria ensinando as variantes linguísticas que os alunos já conhecem, a língua “errada”.

Na verdade, a variação é um fenômeno natural no desenvolvimento das línguas e, no caso do Brasil, é mais complexo, conforme mostra Bortoni-Ricardo (2011), ao fazer um breve histórico da língua portuguesa neste país. Quando a escola ignora tal fenômeno, ela negligencia a realidade linguística brasileira e a própria noção de identidade nacional. Portanto, tira dos estudantes o direito ao conhecimento da Língua Portuguesa em sua completude, além de fazer a manutenção do preconceito linguístico, ao apresentar na sala de aula apenas uma variedade da língua – a mais prestigiada, marca da elite letrada – e nega, ao não mencionar, aquela que o aluno aprendeu em casa, aquela que faz parte da identidade do estudante.

Porém, em um país tão grande territorial e culturalmente, trabalhar a variação linguística na sala de aula, conciliando o direito de se ter acesso à variedade padrão e a valorização das demais variantes como signo identitário, é um desafio. Isso porque o ambiente da escola é o lugar da diversidade e, ao mesmo tempo, da equidade, na medida em que cada estudante apresenta singular conhecimento da mesma língua portuguesa.

O presente artigo destacará parte dos resultados de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras da UFMG (desenvolvida por Bianca Amaral da Cunha sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria), que consistiu na proposição, aplicação e análise de uma intervenção pedagógica a partir de histórias em quadrinhos (doravante HQ) do personagem Chico Bento. Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Uma das finalidades da pesquisa foi buscar alternativas para o desafio do trabalho com a variação linguística durante as aulas de Língua Portuguesa no 6º ano do ensino fundamental. Assim, uma das hipóteses levantadas foi que o uso das histórias em quadrinhos de Chico Bento permite a reflexão sobre o fenômeno da variação linguística,

abordando seus os fatores sociais e regionais, e permite a percepção da própria identidade linguística a partir da que o estereótipo caipira confere ao personagem.

O trabalho teve como objetivos específicos levar os alunos a reconhecerem a língua como meio de construção da identidade e a refletirem sobre o fenômeno da variação linguística, direcionando-os a uma atitude consciente e respeitosa diante das variedades informais da língua. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o fenômeno da variação linguística no Brasil (BORTONI-RICARDO, 2011); sobre as orientações oficiais para o ensino de língua materna (BNCC, 2017), bem como da discussão teórica sobre o papel do ensino de português na formação cidadã (RANGEL, 2010); e do uso pedagógico dos quadrinhos, especialmente sobre sua característica de aproximação da linguagem oral e da variação linguística (RAMOS, 2009; 2016). Depois, foram elaboradas atividades pedagógicas que usaram os diálogos do gênero quadrinhos e a sua proximidade da oralidade como ponto de partida para a constatação da ocorrência de variação na língua e reflexão sobre suas causas e valores sociais atribuídos às variedades. Tais atividades, englobadas em um plano de aulas, foram aplicadas, no 6º ano do ensino fundamental da E.E. Presidente Tancredo de Almeida Neves, que fica na periferia da cidade de Cláudio, interior de Minas Gerais.

A seguir, será feita breve explicação sobre a escolha do personagem Chico Bento para o trabalho com a variação linguística, bem como a discussão sobre a necessidade do tratamento do fenômeno da variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Posteriormente, serão analisados exemplos das atividades sobre o tema desenvolvidas em sala de aula e seus resultados. Ao fim, serão feitas considerações sobre as contribuições e limitações da pesquisa aqui apresentada.

2 Por que o personagem Chico Bento?

O gênero textual “Quadrinhos” merece destaque nas atividades pedagógicas porque leva o aluno a: (1) associar linguagem verbal à não verbal, extraindo informações de tempo, espaço e emoções dos personagens, tanto das palavras quanto das imagens, formato dos quadros e balões de fala, cores e fonte das letras; (2) perceber a transição do texto oral para o texto escrito, pois “as HQs realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala (geralmente a conversa informal) nos balões, com a presença constante de interjeições, reduções vocabulares, etc.” (MENDONÇA, 2005, p.196); (3) inferir o movimento dos personagens nas cenas, bem como outras informações, nas mudanças de um quadrinho para o outro, “o que demanda um trabalho cognitivo maior por parte do leitor, de modo a preencher as lacunas e reconstruir o fluxo narrativo” (MENDONÇA, 2005, p. 196); e, (4) em alguns

casos, depreender a intenção humorística presente no texto, o que requer um conhecimento mais elevado de mundo e da própria língua. Dessas possibilidades a serem exploradas nos quadrinhos em sala de aula, a que mais nos interessa em relação ao trabalho com a variação linguística é a forte influência da oralidade na linguagem desse gênero. Nas HQ de Chico Bento, tal influência se destaca ainda mais na medida em que as variantes reproduzidas nos balões de fala não objetivam apenas a aproximação da oralidade, mas também a caracterização dos personagens.

Em uma das turmas com que a pesquisa foi desenvolvida, os alunos perguntaram se a escolha do personagem Chico Bento para o desenvolvimento das atividades foi feita porque ele fala tudo “errado”. Vale ressaltar que isso remete à experiência comum na escola, em relação ao trabalho com esse personagem: “corrigir as falas erradas”, ou seja, transpor a representação oral dos quadrinhos para a variedade padrão. Explicou-se a eles que a representação da sua fala foi realmente um dos fatores que influenciaram na decisão, mas que não foi o único. Muitos alunos do grupo participante da pesquisa costumam identificar nas representações de fala de Chico a própria maneira de falar. Embora seja este um personagem representante do interior paulista, do estereótipo do caipira, os autores Amaral (1920) e Bortoni-Ricardo (2011) explicam a ligação da cultura caipira com o mineiro devido às migrações. Dessa forma, tal estereótipo remete não só às regiões do interior paulista, mas também ao sul e sudeste de Minas Gerais, e estados de Goiás e Mato Grosso, o que justifica a identificação entre os estudantes mineiros e o personagem. É interessante ressaltar que, como a cidade de Cláudio-MG (onde a pesquisa foi realizada) possui significativa relação econômica com o trabalho rural e industrial (conforme dados do IBGE, disponíveis em <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=311660&search=minas-gerais|claudioinfo&E1ficos:-despesas-e-receitas-or%E7amentE1rias-e-pib>>. Acesso em 13/03/2017.), a escola recebe muitos alunos ligados aos movimentos migratórios, tanto do ambiente rural para o urbano, quanto de outras cidades. Assim, outro fator que motivou a escolha desse personagem foi a semelhança entre o estereótipo que ele representa e a realidade dos sujeitos pesquisados.

Evidentemente, tratar desse personagem requer que se trate também da variação linguística, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa. Conforme Rangel (2010), bem como os documentos oficiais que orientam o ensino da língua materna no ensino fundamental (BNCC, 2017), uma vez que é papel da escola a formação para a cidadania, o ensino de língua portuguesa tem como objetivos, entre outros, proporcionar a reflexão sobre a língua, com suas consequências atitudinais e éticas, e elevar a proficiência de uso da língua, tanto oral quanto

escrita, de forma que se possa escolher a variedade linguística mais adequada às diversas situações interativas. Ou seja, é necessário apresentar outras variantes da língua, além da chamada padrão, para que o cidadão possa adequar o uso que faz da língua às situações específicas em sua vida e conhecer o fenômeno da variação linguística a fim de não reproduzir o preconceito linguístico.

Por outro lado, o personagem Chico Bento tem um histórico controverso em relação à sua presença na escola e uma das razões disso é justamente o fato de sua fala ser representada em um registro não padrão. Neste sentido, uma justificativa comum para condenar o uso do personagem na escola é o fato de se julgá-la como o espaço da regra, da correção gramatical e ortográfica, e as representações das falas dele poderiam estimular o uso da variante linguística menos prestigiada, de forma a não contribuir para o avanço no conhecimento do aluno a respeito da língua. No entanto, conforme já foi dito, para se tornar um usuário eficiente da língua, é preciso ter consciência do fenômeno da variação. Todos os falantes adotam diversas formas de acordo com as circunstâncias. Há uma adequação do falante às finalidades específicas de uma situação, resultante de uma seleção “dentro o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual”, sendo tantas as variedades quanto as situações (CAMACHO, 1989, p. 34).

Outro argumento eventualmente usado para não se usarem as histórias desse personagem nas aulas de Língua Portuguesa é o temor de que seu uso reforce o preconceito linguístico, uma vez que Chico Bento é um estereótipo do caipira, isto é, uma versão de um grupo com características exageradas que, algumas vezes, causam o efeito humorístico, são o motivo do deboche, da crítica, do rebaixamento. Porém,

Se quisermos avaliar em que medida textos como esses se afiguram como efetivamente discriminatórios, entretanto, será preciso considerar, antes de qualquer coisa, sua natureza lúdico-ficcional. Em outras palavras, devemos admitir que, diferentemente do que acontece com os textos informativos e/ou utilitários, os eventuais estereótipos se inserem, neste caso, num universo próprio, conjectural. Nesse sentido – e independentemente das intenções do autor – só servirão à discriminação se forem tomados fora de seus contextos e entendidos como informações, o que não são nem podem ser. Se compreendidos em seus próprios limites, ou seja, como parte de um exercício da imaginação, sua leitura crítica poderá, inclusive, contribuir para uma boa reflexão, tanto sobre os valores e atitudes em jogo, quanto sobre os descaminhos, injustiças e arbitrariedades a que crenças infundadas podem conduzir, quando se pretendem verdades irrefutáveis. (RANGEL, 2010, p. 193)

Nesse processo, o papel e a postura do professor de língua portuguesa é fundamental e muito valioso, pois é ele quem fará a mediação e direcionará a leitura e o trabalho com os quadrinhos de Chico Bento, sem reforçar o preconceito linguístico e estimulando a reflexão sobre o tema. Assim, um professor que não deixa explícita a condição lúdico-ficcional do

personagem e que não contextualiza a representação ortográfica diferenciada de suas falas enquanto forma de aproximá-las da oralidade, corre o risco de não contribuir de forma efetiva para a reflexão sobre a variação linguística no Brasil.

Apesar de toda a controvérsia, fica afirmado o potencial reflexivo presente nas histórias em quadrinhos do personagem Chico Bento, especialmente em relação ao tratamento da variação linguística como tópico das aulas de língua portuguesa. Esse fenômeno não pode ser ignorado pela escola, porque é essencial para a formação linguística que inclui não apenas o conhecimento formal da própria língua, mas também a postura ética diante de seus diversos usos.

3 Aspectos metodológicos

A pesquisa, realizada no segundo semestre de 2017, se dividiu em quatro partes que, em alguns momentos, ocorreram simultaneamente: 1) Estudo de referenciais teóricos, já citados na introdução deste artigo; 2) Elaboração de plano de ensino com base no referencial teórico; 3) Intervenção na sala de aula com o plano de ensino; e 4) Análise dos dados gerados a partir da aplicação do projeto de ensino. Tratou-se de uma abordagem de natureza essencialmente qualitativa, que possui características desse tipo de estudo, conforme elencadas por Bogdan e Biklen citados por Ludke e André (2003), a saber:

1) tem o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como principal instrumento, tendo em vista que será uma pesquisa realizada pelo professor em seu ambiente de trabalho, de forma que os alunos participantes não sairão do ambiente escolar, o qual influencia suas atitudes e desenvolvimento no processo de aprendizagem;

2) há preocupação com o processo tanto quanto com o resultado.

Para a elaboração do plano de ensino, foram selecionadas HQ do personagem Chico Bento das revistas homônimas publicadas entre 1993 e 2002, que compõem o acervo particular da própria pesquisadora. O critério para escolha das histórias foi pautado na sua relação com o tema “trabalho”, que norteou a pesquisa fonte deste artigo. A partir disso, foi confeccionada uma revistinha com 12 HQ completas para uso nas aulas de Língua Portuguesa, sendo dada uma cópia colorida a cada aluno participante. As atividades elaboradas para leitura das histórias contemplavam aspectos do gênero discursivo, do tema e da linguagem. No presente artigo, foram destacadas aquelas relativas à linguagem que tratam especificamente da variação linguística.

O plano de ensino foi aplicado em duas turmas do 6º ano do ensino fundamental da E.E. Presidente Tancredo de Almeida Neves, que fica na periferia da cidade de Cláudio –

MG. O grupo selecionado para a pesquisa compreendeu cerca de 60 alunos (mais ou menos 30 em cada sala de aula, as turmas 6º I e 6º II) em níveis variados de conhecimento de mundo e da modalidade escrita, de diferentes hábitos de leitura, de classes sociais diversas, com idades entre 10 e 12 anos.

Na última parte da pesquisa, foram analisados os dados gerados a partir dos instrumentos usados, isto é, das atividades realizadas pelos alunos durante a aplicação do plano de ensino. Tal análise consistiu em apresentação dos dados e associação da aplicação do plano de ensino ao referencial teórico levantado. Dessa forma, não se pretendeu aqui fazer uma análise quantitativa das atividades, mas sim dos alcances e limitações da proposta realizada em sala de aula, em relação ao trabalho pedagógico com a variação linguística a partir de HQs do Chico Bento.

4 Algumas atividades realizadas

As atividades do plano de ensino foram elaboradas considerando características do gênero textual, temas e discursos presentes nas HQ usadas. Em relação à variação linguística, as questões levaram os alunos a constatarem o fenômeno e abordaram os fatores sociais, regionais e identitários que permeiam as variedades da língua para propiciar a reflexão e discussão sobre o assunto. Tais questões majoritariamente eram de respostas discursivas. Assim, demandaram dos alunos a observação das diferenças e semelhanças entre as falas dos personagens, do contexto, do vocabulário, dos graus de formalidade; a comparação entre uso nas situações das HQ e o próprio uso da língua, bem como entre o registro da variante de Chico e a variedade padrão; e o levantamento de hipóteses sobre o que leva aos diferentes usos da língua e sobre os valores sociais carregados por esses usos. Em alguns casos, foi usado o recurso de comparação entre a linguagem dos quadrinhos e a linguagem de outros gêneros textuais em que são reproduzidas falas de pessoas.

Não foi objeto deste trabalho a identificação dos processos fonológicos que aparecem na variedade caipira. É preciso diferenciar aqui os propósitos das atividades: sob a perspectiva da variação linguística, assumindo que a fala de Chico é representação da oralidade - característica dos quadrinhos, trazendo, portanto, uma variedade informal da língua portuguesa - tal escrita não pode ser considerada errada. Segundo Ramos (2009, p.61), o texto verbal quando traz fala dos personagens nos quadrinhos é, “por parte dos escritores, a tentativa de representar a fala dos personagens nos diálogos da maneira mais realista possível”. Assim, a variedade linguística dos personagens nos quadrinhos apresenta

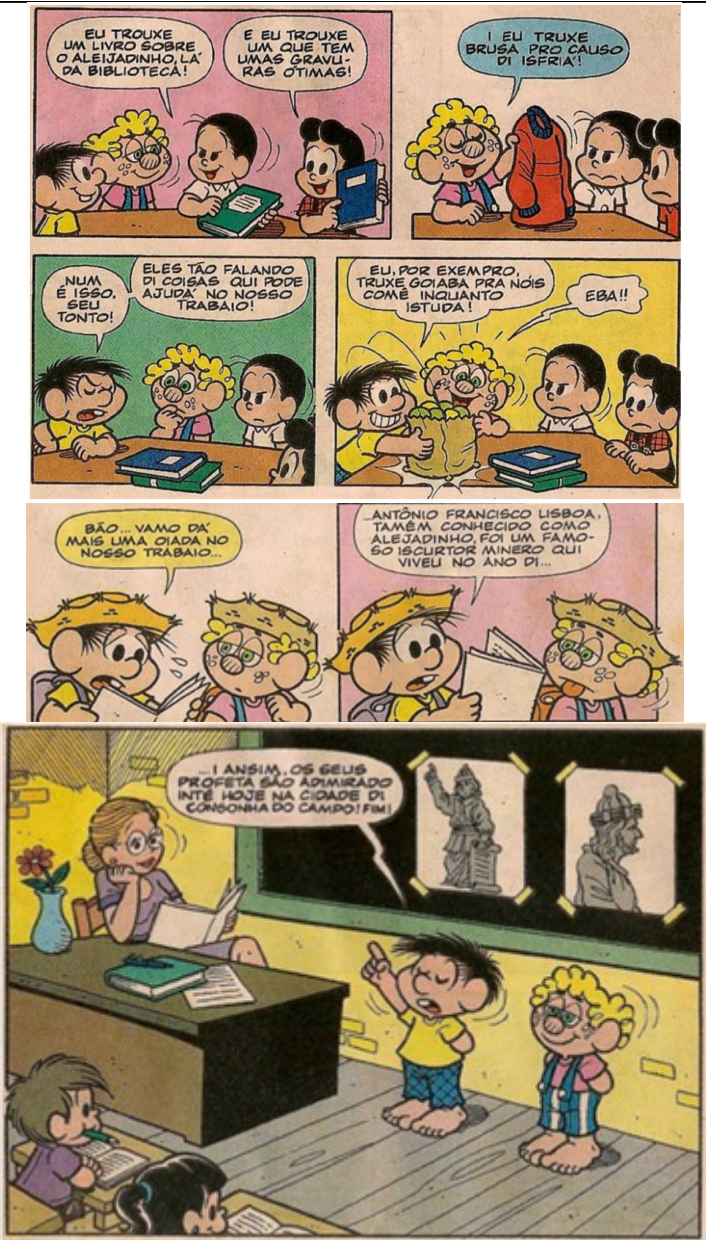
características próprias, marcadas por um vocabulário bastante peculiar, com expressões bastante estereotipadas como “ara”, “ixi”, “bão”, “intonce”, além da aproximação da modalidade oral (“i”, “di”, “num”, “sabê”, “crescê”, etc.), ao reproduzir na escrita a forma como as palavras são pronunciadas não só pela variedade “caipira”, mas também por muitos brasileiros. É, pois, adequada à situação em que aparece. Porém, sob a perspectiva ortográfica, é válido afirmar que há erro na escrita da fala desse personagem. Por exemplo: “trabaio” é uma forma comum na *oralidade*, especialmente em situações informais de interação; porém, a forma *escrita* correspondente a ela, por ora, é “trabalho”. É importante deixar isso claro para os alunos: há dois pontos de vista diferentes sobre as falas de Chico Bento e seus amigos.

Já na leitura oral das HQ, feita de forma que cada aluno deu voz a um personagem, os participantes trouxeram seu conhecimento prévio sobre a variedade caipira: alguns procuraram imitar o personagem, marcando especialmente o R retroflexo. Outros, surpreendentemente, transformaram as falas dos personagens caipiras para a norma padrão durante a leitura e comentaram achar muito difícil ler as falas dos caipiras em voz alta, porque estão escritas “errado”. Apesar do comentário, todos os alunos mostraram entendimento de que esse registro teve por finalidade justamente diferenciar da língua padrão o modo de falar desses personagens. Dessa forma, durante a leitura oral dos textos, a reflexão já foi iniciada.

A seguir, serão mostradas e comentadas algumas das atividades do plano de ensino relacionadas à variação linguística. A questão destacada no Quadro 1 está relacionada a um trecho da HQ “Trabalho em Grupo”. Na história, a professora de Chico Bento propõe um trabalho em grupo sobre Aleijadinho para apresentação oral. Nas reuniões para a pesquisa sobre o tema proposto pela professora, Chico não age de forma responsável pois não queria assumir tarefas, mas, ao final, precisa fazer o trabalho escolar sozinho, inclusive a apresentação.

Figura 1 – Constatando a variação linguística

Atente-se para as falas dos personagens na HQ, especialmente nos trechos destacados abaixo e responda:
--



a) Por que há diferenças entre a linguagem usada por alguns personagens?

b) Há diferenças na linguagem de Chico Bento dentro e fora da escola? Justifique sua resposta.

Fonte: CUNHA, 2018, p. 72 (imagens extraídas da Revista “Chico Bento”, n.263, 1996)

Na discussão dessa questão, os alunos identificaram com facilidade a linguagem do Chico e do Zé Lelé como característica do ambiente rural. Para explicar a diferença entre o jeito de falar dos personagens, levantaram a hipótese de que alguns, como o Hiro e o Zé da Roça, podem ter vindo da cidade ou têm pais com mais acesso ao estudo. Tais respostas revelam seu conhecimento sobre causas do fenômeno da variação linguística. É interessante observar que, inicialmente, não usaram a classe social (rico/pobre) como fator que interfere na variação. Quanto ao uso da linguagem de Chico, os alunos do 6º ano II afirmaram que,

embora faça sempre o uso do dialeto caipira, ele procura falar mais formalmente – frases mais longas, com palavras pouco cotidianas – durante a apresentação do trabalho escolar. Essa diferença foi notada porque, geralmente, nos quadrinhos desse personagem, as frases são encerradas pelo ponto-de-exclamação (!) ou por reticências (...) e, por reproduzirem a modalidade oral, se organizam majoritariamente em frases nominais, períodos simples ou compostos por, no máximo, duas orações, ou seja, se organizam em frases curtas. Isso acontece nos momentos em que os personagens estão em situação informal, entre os colegas, entre os iguais, mas, quando a situação se torna mais formal, na sala de aula, com a presença da professora, há uma alteração nessas características da linguagem. No 6º ano I, porém, os alunos não observaram essa mudança e não concordaram quando se mostrou essa possibilidade, indicada pelos colegas da outra turma.

Em outra atividade, foi solicitada a comparação entre a fala dos personagens na HQ “Segura, Peão” e a fala dos informantes/peões transcrita em uma reportagem (vide Quadro 2). Ao comparar as duas linguagens, os alunos perceberam que na reportagem havia predominância da variedade padrão e concluíram que isso ocorreu devido a uma adequação do texto oral para o texto escrito.

Quadro 2 – Linguagem da HQ x Linguagem de Reportagem



(Revista Chico Bento, n.191, 1994)

Peão desde os 16 anos, Divino entrou na profissão para ajudar na sobrevivência da família e as oportunidades financeiras que poderia conseguir nos Estados Unidos seriam a realização do seu objetivo. “É um sonho de quem almeja grandes valores, tanto de dinheiro como de reconhecimento dos competidores. É difícil chegar à final com chances e não realizar. É um sonho que eu tenho desde pequeno, fico imaginando chegar ao ponto de ser campeão mundial”, diz.

(<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/festa-do-peao-de-barretos/2017/noticia/jovens-peoes-disputam-rodeio-de-barretos-de-olho-na-conquista-do-sonho-americano.ghtml>> Acesso em 25/08/2017)

Fonte: CUNHA, 2018, p. 73.

Aproveitando o uso de uma história do Cascão – do mesmo autor de Chico Bento, mas que, diferente deste, vive na cidade – solicitou-se a comparação entre as falas deles, conforme a questão do Quadro 3.

Quadro 3 – Linguagem do Cascão x Linguagem do Chico Bento



(Revista Cascão, n.294, 1998)

Observe as falas dos personagens acima para responder às questões abaixo:

- As falas mostram uso da linguagem formal ou informal da língua portuguesa? Justifique.
- Comparando-as às falas de Chico nas outras HQs, quais são as diferenças no uso da língua? Por que existem essas diferenças?
- As falas das HQs do Chico e do Cascão correspondem ao que realmente acontece com a língua portuguesa? Explique sua resposta.

Fonte: CUNHA, 2018, p.73.

Ao observar as falas de Cascão e as de Chico Bento, os alunos, a princípio, classificaram as do primeiro como linguagem formal e a do segundo como informal. Porém, ao perceberem o uso de gírias (“Não enche”, “só tô quebrando um galho”), reduções (“tá”, “peraí”) e interjeições (“puxa”, “ei”, “oba”), mudaram a resposta e concluíram que, em relação à variedade padrão, tanto Chico quanto Cascão usam da linguagem informal, embora o menino da cidade se aproxime mais da variedade de prestígio. Com esses exemplos, também ficou mais explícita a influência regional sobre a linguagem: na cidade, há um contato maior com as tecnologias midiáticas, em que a manifestação linguística é predominantemente da variedade padrão, enquanto no campo o contato com essa variedade é limitado à escola.

Na HQ em que a professora procura um talento para Chico, ela o faz passar por variados testes, entre os quais, um em que ela avalia seu conhecimento de língua portuguesa. Como no teste é usada a palavra “mar” que, na variedade caipira pode ser usada com dois significados (“ruim”/ “mal” e “oceano”), isso cria um problema na solução dada por Chico, já

que não corresponde à variedade padrão, esperada pela professora. A partir desse trecho, na atividade abaixo (Quadro 4), são levantadas questões que vão da compreensão da superfície textual até a apreciação e réplica ao texto.

Quadro 4 – Variedade caipira x Variedade padrão



(Revista Chico Bento, n.268, 1997, p.5-6)

- a) Nesta parte, Chico mostra desconhecimento sobre qual (quais) tópico (s) da Língua Portuguesa?
- b) Considerando a HQ e seus conhecimentos, quais frases abaixo são verdadeiras (V)? E falsas (F)?
 - () Chico Bento não sabe falar português.
 - () Chico não usa em sua fala a variedade padrão da língua portuguesa.
 - () O desconhecimento da norma culta da língua portuguesa prejudica o desempenho de Chico na escola.
 - () A professora tratou Chico de forma preconceituosa por causa do jeito que ele usa a língua.
- c) Reescreva a frase de Chico, do 2º quadrinho, passando-a para a variedade padrão da língua portuguesa.
- d) Dê um exemplo de resposta que a professora consideraria certa à pergunta que ela fez.
- e) Você acha que o teste proposto pela professora é capaz de mostrar que alguém tem habilidades com a língua portuguesa? Justifique sua resposta.

Fonte: Fonte: CUNHA, 2018, p.74.

Os alunos reconheceram que não houve preconceito da parte da professora, mas um prejuízo para Chico por não ser capaz de usar outra variedade linguística senão a caipira. No mesmo trecho, os alunos tiveram dificuldade para perceber o desentendimento de Chico em relação à palavra “ele”, usada pela professora como o “nome” da letra L e pelo menino, como o pronome pessoal de terceira pessoa do singular (ele/ela). Além disso, a questão também leva à reflexão sobre o que é a língua portuguesa e o que é saber essa língua. Na visão da professora, fica clara a caracterização da língua como invariável, reduzida às regras gramaticais e à variedade padrão. A partir da última pergunta, alguns alunos concluíram que o teste proposto não é capaz de definir o conhecimento de alguém sobre a língua portuguesa. Outros, porém, comentaram que a questão dada foi muito simples e Chico poderia ter atendido à expectativa da professora. Isso revela que ainda está muito arraigado nos alunos o conceito de Língua Portuguesa como equivalente às regras corretivas da gramática normativa.

As aulas, a partir das questões propostas, especialmente durante a socialização das respostas dadas (momento da “correção das atividades”), foram espaço para debate e

compartilhamento de experiências. As expressões usadas por Chico (“Faço muito gosto!”, “Isso vai sê canja!”) fizeram com que muitos alunos se lembrassem de expressões usadas por avós principalmente. Outros relataram casos em que os pais ou eles mesmos foram vítimas de preconceito ou objeto de brincadeiras pelo jeito de falar, por algumas expressões comuns à região de onde vieram (especialmente norte de Minas ou região Nordeste). Houve também comentários em que alunos afirmaram se identificar mais com o personagem Chico do que com Zé da Roça ou Hiro, por exemplo. Nestes casos, disseram que não falavam tão “errado” quanto o caipira, mas também não falavam tão “certo” quanto os outros. A principal referência para fazerem tal afirmação foi o uso do pronome de tratamento “você/ocê”. Por outro lado, encontraram pontos comuns também com a variedade do Cascão, especialmente no uso das reduções e gírias.

Para averiguar o impacto do plano de ensino proposto na pesquisa, foi aplicado questionário diagnóstico antes e depois de se fazer a intervenção em sala de aula. Vale destacar aqui os dados obtidos com uma questão das atividades diagnósticas, uma vez que remete à variação linguística nas tirinhas de Chico Bento. Nela, os alunos deveriam avaliar como verdadeiras ou falsas algumas afirmações sobre a variedade caipira. Na primeira aplicação, anterior ao plano de ensino, os alunos revelaram uma visão preconceituosa sobre essa variante. Porém, na segunda aplicação, posterior às aulas elaboradas pela pesquisa, essa situação mudou um pouco, conforme o Quadro 5. Esses dados confirmam que o trabalho com o personagem colaborou para uma visão mais tolerante sobre as diferenças linguísticas.

Quadro 5 – Diagnóstico sobre a variação linguística



Revista Chico Bento, n. 311, 1998, p. 34.

(V ou F?) A linguagem usada por Chico e o primo na tirinha indica que:

Antes da intervenção		Depois da intervenção		Item
(Porcentagem de alunos que marcaram V)	(Porcentagem de alunos que marcaram F)	(Porcentagem de alunos que marcaram V)	(Porcentagem de alunos que marcaram F)	
17%	83%	8%	92%	Chico Bento não será capaz de se tornar médico veterinário.
83%	17%	75%	25%	eles usam a língua de maneira informal.
17%	83%	0%	100%	os personagens não sabem escrever.
83%	17%	50%	50%	eles falam errado.

Fonte: Fonte: CUNHA, 2018, p.76. (adaptado)

É preciso um trabalho gradativo, anual, em espiral – isto é, retornar ao mesmo tema, mas com maior profundidade a cada ano – sobre a variação linguística. Isso porque o conhecimento sobre algo ou mesmo a ruptura com posturas arraigadas culturalmente, como o preconceito linguístico, não se realiza em um espaço curto de tempo. Assim, esse fenômeno linguístico merece mais destaque e precisa de mais tempo para ser desenvolvido, especialmente nas aulas de língua portuguesa.

5 Considerações finais

Nos textos dos documentos oficiais, tais como a BNCC e os PCN, há muito estímulo ao trabalho com a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, ressaltando a importância de se saber adequar o uso da língua às diversas situações. Porém, há poucos direcionamentos práticos e sugestões aplicáveis para a realização desse trabalho. Os livros didáticos, por exemplo, costumam trazer o assunto de forma mais teórica, abordando o conceito da variação linguística e definindo os tipos de variação – regional, etária, social, situacional, etc. A proposta aqui apresentada e analisada se pretende uma alternativa que inspire a criação e desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a variação linguística de forma mais reflexiva.

As atividades propostas despertaram mais interesse dos alunos por usar os quadrinhos, que são vistos como um gênero textual muito ligado ao lúdico. Além disso, os resultados mostram que os alunos perceberam as semelhanças e diferenças entre o uso da linguagem na HQ e o próprio uso, sendo capazes de refletir sobre o uso da língua e sobre a noção do preconceito linguístico; e reconheceram a própria identidade linguística – não falam como o estereótipo caipira, mas também não usam a variedade padrão, podendo se localizar na variedade urbana, definida por Bortoni-Ricardo (2011, p. 23) como “a língua falada em áreas metropolitanas por grupos sociais não alfabetizados de antecedentes rurais, ou em áreas rurais expostas a influências modernizadoras”. Dessa forma, os alunos tiveram a oportunidade no espaço escolar de perceber os diversos usos linguísticos do português, os valores sociais atrelados a algumas de suas variedades e a importância de se conhecer a variedade padrão para adequar o uso da língua às diversas situações de interação, superando a dicotomia da língua “certa” e da “errada”.

É importante ressaltar a necessidade de se retornar sempre a esse tema durante todo o ensino fundamental, já que um tópico não pode ser considerado inteiramente aprendido e esgotado com algumas atividades. É preciso tratar sempre da variação linguística nas atividades escolares, trazendo novas perspectivas e aprofundando a reflexão sobre ela a cada

ano, de maneira a colaborar para a permanente formação sociolinguística do aluno-sujeito.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução: Stela Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>> Acesso em: 25 ago 2017.

CAMACHO, R. A Variação Linguística. In.: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa pra 1º e 2º graus**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. 1989.

CUNHA, B. A. da. **Desenvolvimento das habilidades de leitura**: do personagem Chico Bento ao tema transversal “Trabalho” dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Belo Horizonte, 2018. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras/UFMG.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: _____. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E. P. V., 2003, p. 11-24.

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 3 ed. (p. 194-207).

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, P. Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa. In: RAMA, A. VERGUEIRO, W. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2016.

RANGEL, E. de O. Educação para o convívio republicano: o ensino de Língua Portuguesa pode colaborar para a construção da cidadania? In: RANGEL, E. de O.; ROJO, R. H. R. (coord.). **Língua Portuguesa**: ensino fundamental. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 19). (p.183-200).

REVISTA CASCÃO, n. 294, 1998.

REVISTA CHICO BENTO, n. 191, 1994.

REVISTA CHICO BENTO, n. 263, 1996.

REVISTA CHICO BENTO, n. 268, 1997.

REVISTA CHICO BENTO, n. 311, 1998.

Recebido em: 28 maio 2020

Aceito em: 20 julho 2020
